**Subtextos Ideológicos da Literatura Profética**

1. A teoria dos “papéis sociais” tenta compreender o papel desempenhado por um indivíduo em seu contexto. A partir dessa teoria, David Peterson analisou o papel social dos profetas na sociedade de Israel e Judá, pensando nas habilidades requeridas e expectativas do seu papel social. Petersen faz distinções entre esses papeis de cada profeta: como portavoz da aliança, como arauto do conselho divino, como auxiliar do culto e como personagem sagrado de atuação periférica em momentos de opressão social, rejeitado pelo *status quo* vigente.

Assim, existiam certas expectativas sobre a ação dos profetas na sociedade. Esperava-se, por exemplo, que eles tivessem a habilidade de comunicar a destruição às nações vizinhas, mas não comunicar a destruição da sua própria nação, comunicar a salvação ao povo e não pronunciar mal sobre o seu rei. Através da sua pregação e da exortação ao povo, ele deveria afetar a realidade social, modificando o comportamento da sociedade. Agora, sobretudo, o que mais se esperava dos profetas é que falassem em nome de Javé.

Mas “falar em nome de Javé” poderia levantar muitos problemas. E este foi sempre o seu papel mais complexo, marcado por tensões e expectativas contraditórias. Muitas vezes o profeta não era ouvido, sua profecia era contestada e ele era até perseguido, torturado e morto. Temos diversos exemplos disso entre os profetas bíblicos. Desde Amós sendo expulso de Betel pelo sacerdote Amasias até Jeremias jogado dentro de uma cisterna na época do rei Sedecias, por ter sua profecia considerada sediciosa. Isaías teria sido cerrado ao meio dentro de um tronco de árvore, conforme textos extracanônicos.

O profeta é um “sinal de contradição”, não de incoerência como a expressão contradição poderia sugerir, mas sim de conflito entre tendências opostas, entre ações conflitantes. O profeta não tem sucesso em sua missão, ele não tem ilusões em relação ao povo ou ao rei. Ele tem amor ao povo que acusa e amor absoluto ao Deus que representa. Por ser “sinal de contradição”, o profeta é quase sempre rejeitado, o que é uma constante nos livros proféticos. Mas acabava sendo reconhecido porque o paradigma ou referência fundamental do profeta e da profecia é Javé, não uma situação social ou política conflitosa.

A canonização dos oráculos desses profetas perseguidos passava, no entanto, pelo reconhecimento de que eles falavam em nome de Javé. Como saber se sua mensagem provém realmente de Javé? Como distinguir a verdadeira profecia, mesmo se ela fosse contestada pelos seus contemporâneos? No processo de canonização dos oráculos proféticos, encontramos, pelo menos, dois critérios: o cumprimento da sua profecia e a conformidade do seu ensinamento com a doutrina javista. Desta forma, legitima-se o ethos profético frente à sociedade e aos seus leitores.

O processo de reinterpretação foi fundamental para a canonização dos oráculos proféticos. Podemos afirmar que todo o conjunto dos escritos do Antigo Testamento apresenta-se como o produto de um longo processo de reinterpretação dos acontecimentos e personagens fundadores, ligados à vida das comunidades de fiéis. No caso dos profetas, é possível perceber a ocorrência de um recolhimento e de uma reinterpretação das tradições proféticas anteriores, enriquecendo-as às vezes com uma marca de esperança que antes não tinham. Esse processo era, de certa forma, a definição canônica de uma mensagem ou um ensinamento profético contestado anteriormente.

1. O melhor exemplo de um livro profético, de acordo com essa proposição, é o livro de Isaías, dividido pelos estudiosos em, pelo menos, quatro períodos de redação, representando teologias distintas. Concluímos, então, que o livro não pode ter um único autor original. No entanto, os livros proféticos nos chegam compilados e fechados como se tivessem sido escritos por um só autor e em sua época original. Este fato nos coloca implicações hermenêuticas do que, de fato, é o “livro profético” enquanto unidade/totalidade da sua mensagem. Trata-se de uma verdadeira subtrama ideológica que precisa ser hermeneuticamente desvendada.

Chamam-se normalmente de “livros proféticos” aqueles aos quais se atribui um livro no cânon da Bíblia Hebraica. O que foi dito do ministério profético mostra que essa denominação não é muito exata: o profeta não é escritor, ele é antes de tudo um orador, um pregador. A mensagem profética, em sua origem, é falada, mas resta explicar como, desta palavra prenunciada, passou-se ao livro escrito. Os oráculos então foram organizados dentro da obra, divididas por temas, gêneros literários, coleções precedentes, etc. A moldura editorial foi inserida para encabeçar e oferecer dados cronológicos e geográficos, para auxiliar a leitura. A moldura pressupõe leitores posteriores.

Aquela subtrama se inicia com as primeiras palavras dos textos proféticos que fazem parte do seu cabeçalho que designa o seu autor, data, assunto e, às vezes, algumas informações a mais, como em Isaías: *“Visão que teve Isaías, filho de Amós, a respeito de Judá e de Jerusalém, nos dias de Ozias, Joatão, Acaz e Ezequias, reis de Judá”* (1.1), ou em Ezequiel: *“No trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês, quando me encontrava entre os exilados, junto ao rio Cobar, eis que os céus se abriram e tive visões de Deus. No quinto dia do mês – insto é no quinto ano do exílio do rei Joaquin – veio a palavra de Javé ao sacerdote Ezequyiel, filho de Buzi, na terra dos caldeus, junto ao rio Cobar. Ali pousou sobre a mão de Javé”* (1.1-3).

Percebemos que a apresentação dos profetas é feita através de diversas formas como através de palavras, visões, pronunciamentos, livros, etc. Seis deles se iniciam fazendo relação com a época de determinado rei, outros cinco contém o ano e seis não contém nenhum marcador. Assim, não temos uma uniformidade e uma totalidade no texto de um único profeta. Alguns casos, a variação entre o Texto Massorético e a Septuaginta é tamanha que sugere um texto inacabado. Podemos ver ainda grande variação cronológica e teológica, como já podemos apontar nos quatro Isaías. Embora a profecia seja de Israel e Judá, poucos reis do Norte são mencionados por nome, enquanto abundam reis do reino de Judá. Isso dá a entender que o redator final era do reino de Judá e dava pouca importância ou até desconhecia detalhes dos acontecimentos do reino de Israel.

De qualquer forma, a autoridade e a confiabilidade dos escritos proféticos, confirmadas ao final pela sua canonização, passam por dois crivos, ou seja, o cumprimento da sua profecia, mesmo que tenha sido mal recebida no momento em que foi anunciada, e a conformidade do seu ensinamento com a doutrina de Javé que já era conhecida e vinha exposta na Torá, desde o período e personagens fundantes. Portanto, a ausência muitas vezes de uma uniformidade e de uma totalidade cronológica e teológica de cada um dos livros proféticos não comprometem a sua fidelidade e lealdade à lei mosaica, definida entre os judeus a partir do Deuteronômio.